

ICMBio

Edição 584 – Ano 13 – 20 de novembro de 2020

em foco

Operação apreende 570 animais no entorno do Parque Serra de Itabaiana em Sergipe

Unidades de conservação abrigam importantes locais para a cultura afro-brasileira

Segundo exemplar vivo de Jiboia-do-ribeira é encontrado em São Paulo

Segundo exemplar vivo de jiboia-do-ribeira é encontrado em São Paulo

Em 1953, o doutor Alfonse Richard Hoge descreveu, pela primeira vez, a jiboia-do-ribeira (*Corallus cropanii*), uma espécie de serpente não peçonhenta da família dos boídeos, que são popularmente conhecidos como jiboias. Porém, o animal só voltou a ser visto com vida quase 65 anos depois, em 2017. No final do mês de outubro, os moradores Paulo Vinicius Teixeira, Willian Daniel Martins, Virgílio Gomes e Bernardo Alves dos Santos (este com apenas 6 anos de idade), da cidade de Eldorado (SP), foram os responsáveis pela descoberta do segundo exemplar vivo da jiboia-do-ribeira. Esta é a segunda vez que Paulo Vinicius encontra a espécie viva, ele também estava presente na segunda vez que a espécie foi vista com vida, em 2017.

A jiboia-do-ribeira é uma serpente de distribuição geográfica extremamente restrita: ela fica apenas nos fragmentos de Mata Atlântica que estão sob os municípios paulistas de Miracatu, Pedro de Toledo, Eldorado, Sete Barras e Santos. Ela alcança cerca de 1,3 metro de comprimento, tem coloração variando do verde-oliva ao amarelado e manchas marrons escuras. Sua alimentação é composta por pequenos mamíferos como roedores e marsupiais.

O Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Répteis e Anfíbios (RAN) atua na região do Vale do Ribeira, área de ocorrência desta espécie, desde 2010. O RAN é parceiro do Projeto Jiboia do Ribeira, responsável por promover atividades educativas no local, a fim de evitar possíveis conflitos entre a população e as serpentes. Desta parceria, o RAN fez orientações e recomendações de adequações ao Projeto.

ENGAJAMENTO DA COMUNIDADE

A descoberta com vida não teria sido possível sem o apoio da comunidade local. Os responsáveis por encontrar a jiboia são moradores de Eldorado, sendo Willian e Paulo Vinicius contratados do Parque Estadual Intervales e também fundadores da ação comunitária Mãos que Protegem, uma iniciativa que trabalha em colaboração com a gestão do Parque Intervales resgatando serpentes encontradas em áreas de risco na comunidade e transferindo para áreas seguras.

A comunidade do Guapiruvu, local de encontro destes dois indivíduos, sempre foi engajada

em causas ambientais, o que favoreceu a parceria com o projeto Jiboia do Ribeira que atualmente é amplamente conhecido e apoiado pelos moradores. O projeto, em pouco tempo, proporcionou uma mudança de atitude da comunidade em relação às serpentes, proporcionando um melhor convívio da comunidade com o meio ambiente. Além da comunidade do Guapiruvu, o Projeto Jiboia do Ribeira conta com apoio e colaboração do RAN/ICMBio, do projeto de ciência cidadã Amigos da Mata, do Parque Estadual Intervales, da Fundação Florestal e do Instituto Butantã, com financiamento da IUCN.

Até agora, só oito registros da jiboia-do-ribeira foram realizados, este é apenas o segundo exemplar vivo

Espécie da família dos boídeos é uma das mais raras do mundo

Oficina sobre tubarões-mangona reúne especialistas de três países

Nesta semana, analistas ambientais do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Sudeste e Sul (Cepsul) participaram de uma oficina regional sobre o tubarão-mangona (*Carcharias taurus*) – Taller Regional del Tiburón *Carcharias taurus* en el Atlántico Sudoccidental: Esfuerzos transfronterizos para su conservación y uso sostenible. O evento foi promovido pela Wildlife Conservation Society (WCS), da Argentina, e reuniu diversos especialistas de instituições brasileiras, argentinas e uruguaias.

Na segunda-feira, o ICMBio participou do Painel de Especialistas sobre Investigação e Estatística Pesqueira, representado por Rodrigo Barreto. Barreto também ministrou a palestra “Estado de Conservação do C. Taurus no Brasil”. As ações com enfoque na espécie dentro do Plano de Ação Nacional foram tema da apresentação do também analista do Cepsul, Jorge Kotas.

Além disso, o evento abordou temas como ações de manejo, relações com pescadores artesanais e

identificação dos desafios para a conservação da espécie. Na ocasião, foram propostas ações de conservação em âmbito regional (Argentina, Brasil e Uruguai) e um marco estratégico conjunto para recuperar suas populações.

SOBRE A ESPÉCIE

O tubarão-mangona (*Carcharias taurus*) também é conhecido como tubarão-cinza. De hábitos noturnos, este animal se alimenta de raias, moluscos e crustáceos, vive aproximadamente 25 anos e chega a medir cerca de 3,2 metros de comprimento.

Apesar de ser um predador e ocupar o topo da cadeia alimentar nos mares, a população do tubarão mangona está em declínio. Isso ocorre porque uma das principais ameaças à espécie é a pesca acidental em rede de espera e espinhel, pesca artesanal para o consumo de barbatanas como iguaria culinária, além do uso pela indústria farmacêutica. No Brasil, de acordo com Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção, a espécie está classificada como criticamente ameaçada de extinção.



ODS relacionados

Tubarão-mangona está criticamente ameaçado de extinção no Brasil



Agora vamos priorizar!

VALORES

DO SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Na primeira etapa do Projeto recebemos mais de 33 mil contribuições, com a indicação de mais de 93 mil sugestões de valores.

Agora, na segunda etapa, apresentamos os valores mais representativos para priorização de todo Serviço Público federal.



ACESSE O FORMULÁRIO E PRIORIZE
Basta indicar o seu órgão e ordenar as opções de priorização dos valores.

Acesse: www.cgu.gov.br/valores

Os valores são indispensáveis para a correta atuação no serviço público. Eles guiam as ações e determinam as condutas, interesses, funções e atitudes dos servidores públicos.

Cenap realiza 2ª Oficina de Monitoria do PAN Grandes Felinos

O Centro Nacional de Conservação e Pesquisa de Carnívoros (Cenap) promoveu, no mês de outubro, a 2ª Oficina de Monitoria do **Plano de Ação Nacional Grandes Felinos** (PAN Grandes Felinos). O Cenap é coordenador do PAN e conta com o auxílio do Grupo de Assessoramento Técnico (GAT), composto por diversas instituições como a Escola Superior de Agricultura Luís de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq/USP), Rede Nacional Pró-Unidades de Conservação, Programa de Conservação Mamíferos do Cerrado e Instituto Pró-Carnívoros.

O PAN Grandes Felinos tem como objetivo promover ações de conservação para dois grandes felinos da fauna brasileira: a onça-pintada (*Panthera onca*), terceiro maior felino do mundo e maior das Américas; e da onça-parda (*Puma concolor*), também chamada de suçuarana, puma ou leão baio. As duas espécies estão classificadas atualmente como vulneráveis pelo **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**, porém, a depender do bioma, possuem diferentes graus de ameaça.

O Cenap está à frente da realização de importantes ações previstas no PAN, destacando-se a realização de dois projetos inovadores de reabilitação, treinamento e recolocação na natureza de quatro filhotes de onça-pintada, no Pantanal e na Amazônia, alcançando pleno sucesso. Também vale destacar a implementação do Programa de Cativeiro da Onça-Pintada, coordenado pelo Cenap em parceria com a Associação Brasileira de Zoológicos e Aquários (Azab), que organiza a população que está fora de seu local de origem de modo que ela seja uma efetiva ferramenta para a conservação.

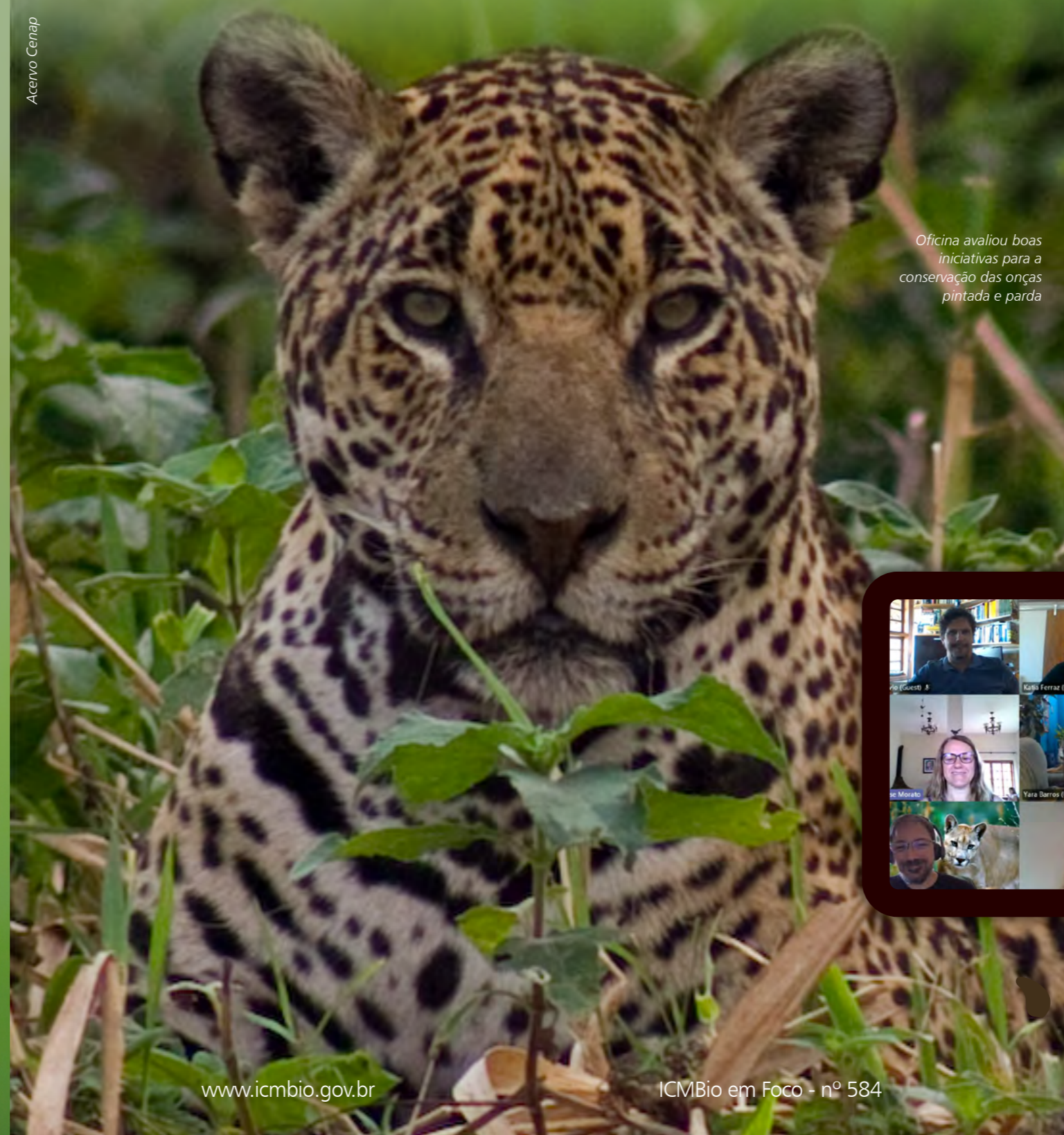
Além da participação dos membros do GAT, que possuem o importante papel no acompanhamento sistemático da execução do plano por meio de um processo de monitoria e refinamento contínuo, outras instituições são peças fundamentais na colaboração para execução das ações.

Um dos exemplos é o Projeto Onças do Iguaçu, que está envolvido em diversas ações do PAN no âmbito das dimensões humanas do conflito humano-fauna, promovendo a melhoria de relações entre as onças da Mata Atlântica e proprietários rurais. Um dos produtos criados pelo projeto é o manual de descarte

de carcaças, voltado a prevenção de ataques de grandes felinos ([clique aqui e acesse](#)). “Quando as carcaças são descartadas de forma inadequada, jogadas na mata ou deixadas no pasto, podem atrair onças que acabam atacando animais vivos. Consequentemente, isso causa conflitos entre o convívio de animais silvestres e seres humanos”, explica a coordenadora executiva do Onças do Iguaçu, Yara de Melo Barros.

Outro produto preliminar relevante para a conservação das populações dos grandes felinos é a pesquisa que realizou o mapeamento das áreas críticas de atropelamento de onças-pardas nas rodovias do Estado de São Paulo. De acordo com as informações do trabalho da Dra. Fernanda Delborgo Abra, a mortalidade causada por atropelamento e o efeito de barreira nas rodovias são identificados como uma das maiores ameaças à vida selvagem. O trabalho também concluiu que colisões com mamíferos de grande porte ameaçam a segurança humana e produzem custos econômicos para a sociedade. A pesquisa propõe ações para mitigar estes problemas.

Arquivo Cenap



Oficina avaliou boas iniciativas para a conservação das onças pintada e parda



Unidades de conservação abrigam importantes locais para a cultura afro-brasileira

Ao contrário do que se pensa, os quatro milhões de crianças, mulheres e homens trazidos para o Brasil da África de maneira forçada, até o tráfico internacional ser formalmente abolido, em 1850, pertenciam a inúmeras etnias. Cada uma tinha suas próprias práticas culturais, religiosas e sociais, até mesmo características físicas distintas. Além disso, era comum que os senhores de escravos adquirissem pessoas de diferentes nacionalidades exatamente para evitar organização e revoltas.

Para se ter uma ideia do complexo caldeirão cultural, costuma-se dividir grosseiramente os povos africanos escravizados em três grandes grupos: povos de culturas sudanesas (iorubás, jejês, fanti, ashanti); islâmicos (fulas, mandingas e hauçás) e bantus (oriundos de regiões como Angola e Moçambique), com inúmeras variações étnicas dentro destas grandes classificações.

Infelizmente, muitas das tradições foram perdidas para sempre. Mas uma das formas encontradas para manter a cultura foi por meio das religiões de matrizes africanas. Historiadores já entendem que a tradição da oralidade é uma maneira de estudar o passado e a ancestralidade do povo negro. Apesar de terem sido sistematicamente perseguidas por séculos, algo que persiste até hoje, as religiões de matrizes africanas crescem em número de adeptos, até entre os que se declaram brancos. O Censo de 2010 relata que 3 milhões de brasileiros se declaram como seguidores de religiões como umbanda e candomblé. Só em Salvador, a cidade mais negra fora da África, são 2,2 mil terreiros.

As religiões de matrizes africanas e suas divindades, os orixás, os nkisis e os voduns, têm uma intensa ligação com a natureza, o que demanda que, para as práticas religiosas, haja um contato constante. Rituais para purificação, energização e contato com o mundo espiritual são realizados em contato ou com o auxílio de recursos

naturais, como água, aromas, pedras, plantas etc.

Locais utilizados historicamente para esses fins adquirem um caráter espiritual sagrado com o passar do tempo. Quando se trata de áreas naturais, são chamados de sítios naturais sagrados. E as unidades de conservação federais estão repletas destes significados. Uma pesquisa realizada pela analista do ICMBio, Erika Fernandes Pinto, em 2015, traz um levantamento de mais de 500 desses locais para as mais diversas religiões (cristianismo, religiões alternativas, de matriz africana etc.).

Algumas unidades que abrigam sítios naturais sagrados para a cultura afro-brasileira são: os Parques Nacionais da Tijuca (RJ), da Serra

dos Órgãos (RJ), de Brasília (DF) e da Chapada Diamantina (BA); as Reservas Biológicas do Saltinho (PE) e do Tinguá (RJ); a Reserva Extrativista do Quilombo do Flexal (MA) e do Iguape (BA); a Área de Proteção Ambiental Carste da Lagoa Santa (MG) e a Floresta Nacional de Brasília (DF), além de diversas UCs em níveis estadual e municipal.

Dentre os locais mais famosos estão a Cachoeira do Pai Antônio, Caminho de Oxum, Mata do Pai Ricardo e Águas Férreas (Parque Nacional da Tijuca), Gruta da Macumba (APA Carste da Lagoa Santa), Morro do Pai Inácio (Parque Nacional da Chapada Diamantina) e diversas matas, grutas, cavernas e cursos d'água.

“Algumas unidades de conservação também guardam lugares onde se desenrolaram fatos notáveis da época escravocrata, que serviram como esconderijo ou rotas de fuga, sendo símbolos da luta pela liberdade. São exemplos a Pedra de Xangô, em Salvador/BA, na Área de

Pedra de Xangô que fez parte de uma rota de fuga de negros escravizados nas fazendas dos colonizadores. Parte desta formação geológica veio da África

Proteção Ambiental Municipal do Vale do Assis Valente e a Toca da Josefa no Parque Nacional da Serra da Bocaina”, conta Erika.

A pesquisa de Erika Fernandes Pinto revela que as áreas mais procuradas pelas religiões de matrizes africanas são locais próximos a áreas urbanas. De acordo com a pesquisadora, uma das razões pode ter a ver com a dificuldade de manutenção dos terreiros em áreas urbanas, locais primordiais para a prática religiosa, o que leva muitos fiéis a procurarem os últimos resquícios de natureza para exercerem sua religião.

Como discute a analista ambiental em sua pesquisa, por muitas vezes, o uso das UCs pode ser um conflito entre religiosos e gestores. Isso porque há pouca ou nenhuma previsão de compatibilização de usos, como por exemplo, sobre a destinação de resíduos sólidos usados nos rituais e o risco de incêndio florestal causados pelas velas. No entanto, ela cita o caso do Parque Estadual São Bartolomeu, na Bahia, onde os



religiosos têm sido atuantes no fortalecimento de estratégias de implementação da UC e no combate a fatores que colocam em risco a unidade, como a poluição urbana. No parque estadual, que fica em área urbana, o esgoto poluiu tanto a Cachoeira de Oxumaré, que inviabilizou os banhos e rituais de purificação.

“Muitos grupos vêm se comprometendo com a adesão de boas práticas na realização de seus ritos, pois a natureza bem preservada é vista como essencial. Quando uma área é degradada, seu Axé – força vital poderosa - também vai embora. É a partir da compreensão dos significados culturais dessas tradições e do diálogo que se pode chegar a soluções justas e eficientes em prol da conservação”, complementa.

DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

No dia 20 de novembro, é celebrado o Dia da Consciência Negra no Brasil. A data foi estabelecida em 2003 e tem o objetivo de resgatar a história de um dos povos que constituiu a identidade brasileira e ser uma data de reflexão para população afrodescendente atual. A data faz referência à morte de Zumbi dos Palmares, líder do Quilombo dos Palmares, que fica na Serra da Barriga, entre Alagoas e Pernambuco. O Quilombo dos Palmares foi um local de resistência ao sistema escravista do período colonial. Hoje, a região é uma unidade de conservação estadual, o Parque Memorial Quilombo dos Palmares, sendo também um sítio natural sagrado.

Atualmente, a população formada por pretos e pardos é a maioria no País (74,4%). Além disso, uma pesquisa do genoma brasileiro recentemente divulgada pela Universidade de São Paulo revela predominância africana na herança mitocondrial (materna) no DNA dos brasileiros.

Pedra do Pai Inácio, no Parque Nacional da Chapada Diamantina, é um dos sítios naturais sagrados para a cultura afro-brasileira



Entrada do Parque Memorial Quilombo dos Palmares, unidade de conservação estadual e sítio natural sagrado



André D'Alb



Mônica Silveira

Mônica Silveira



Aves encontradas pelos fiscais foram soltas na natureza e as gaiolas destruídas



Galo de campina cego: alguns acreditam que assim, o animal cante melhor

Operação apreende 570 animais no entorno do Parque Serra de Itabaiana em Sergipe

Fiscais do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) realizaram uma ação de fiscalização nas cidades do entorno do Parque Nacional Serra de Itabaiana em Sergipe. O resultado foi a apreensão de 570 animais (522 pássaros silvestres, 47 jabutis, um tejo), duas espingardas, três carcaças e ainda a aplicação de seis multas que somam R\$ 50 mil. A ação ocorreu em parceria com as equipes do Parna de Itabaiana e da Estação Ecológica (Esec) de Murici, em Alagoas.

As aves foram soltas na natureza e as mais de 600 gaiolas e alçapões, além de seis tatuzeiras foram destruídas. Segundo o analista ambiental da Esec de Murici e coordenador da Operação, Marco Antônio de Freitas, foram apreendidos vários pássaros que estão extintos na natureza e ainda alguns com os olhos queimados. "Além de aprisionar o pássaro, ainda há maus-tratos. Nesta Operação, eu encontrei alguns com os olhos queimados. Existe uma cultura de que

praticamente cegar o bicho faz com que ele cante melhor. Uma barbárie", ressalta Freitas.

A Operação começou no dia 13 e encerrou dia 19 de novembro e, nos três dias de fiscalização nas cidades do entorno (Areia Branca e Itabaiana), foram apreendidos 570 animais. "Foram muitos bichos recolhidos em apenas três dias de Operação nas duas cidades do entorno da UC", argumenta Freitas.

O PARQUE

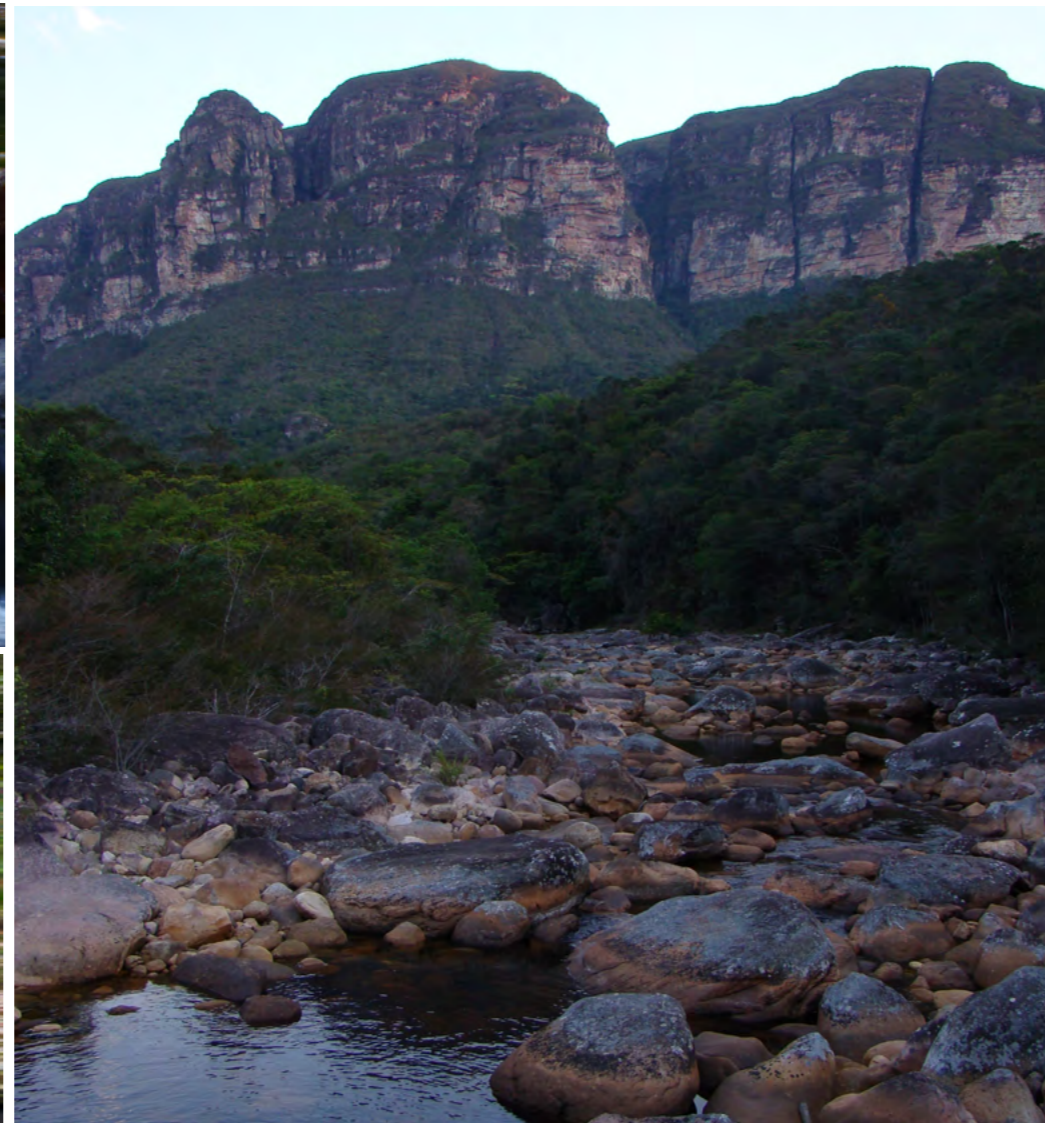
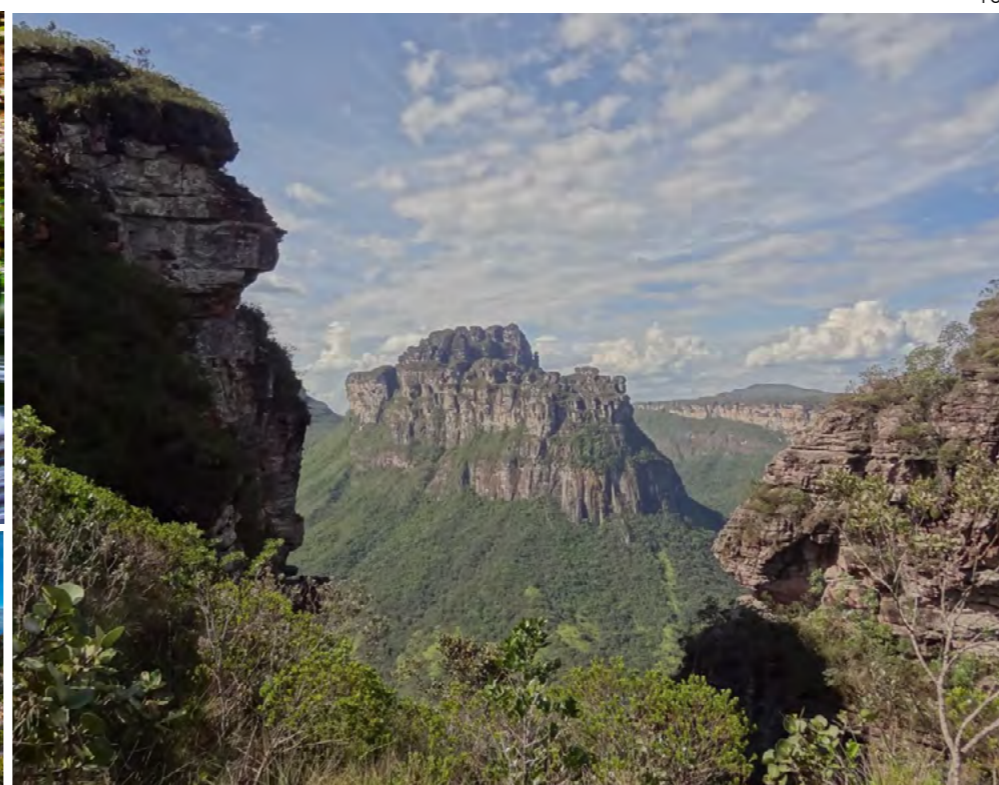
Localizado em Areia Branca, em Sergipe, o Parque Serra de Itabaiana protege 8.024,79 hectares do bioma da Mata Atlântica. A unidade de

conservação foi criada em 2005 com o objetivo de proteger e preservar os ecossistemas naturais existentes, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação ambiental e de turismo ecológico.

O Parque resguarda mananciais que são formados pelos rios Cotinguiba, das Pedras, Jacaracica e Poxim, vitais ao sistema hídrico de Aracaju. A UC abriga uma biodiversidade que inclui diversas espécies de répteis, anfíbios, mamíferos e aves. O lagartinho-de-abaeté é um dos animais protegidos pela unidade e está na lista de espécies ameaçadas.

Parna Chapada Diamantina (BA)

Fotos:: Acervo Parna Diamantina, André Dib, Dmitri de Igatu, Nelson Yoneda e Paulo Faria





ICMBio em Foco

Revista eletrônica

Edição

Ramilla Rodrigues

Projeto Gráfico

DCOM

Diagramação

Marília Ferreira

Revisão de Texto

Eveline Silva de Assis

Chefe Substituto da Divisão de Comunicação

Bruno Bimbato

Foto da Capa

Marco Freitas

Colaboraram nesta edição

Carla Viviane – DCOM; Roberta Aguiar – CEPSUL, Tatiane Reich – Cenap; Vera Luz – RAN.

Divisão de Comunicação - DCOM

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio

Complexo Administrativo Sudoeste - EQSW 103/104 - Bloco C - 1º andar - CEP:
70670-350 - Brasília/DF Fone +55 (61) 2028-9280 comunicacao@icmbio.gov.br -
www.icmbio.gov.br



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL